

PARCERIA E PROTAGONISMO: TERRITÓRIOS EDUCATIVOS E PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA SOB A PERSPECTIVA DO PROJETO BAIRRO-ESCOLA

Autores: Lilian Peixoto Guimarães, Silvio Luiz da Costa, Cleusa Vieira da Costa, Márcia Regina de Oliveira.

Universidade de Taubaté, R. Visconde do Rio Branco, 22 – Centro, 12020-040 – Taubaté-SP, Brasil, artes.lilian@gmail.com, silvio.lcosta@unitau.br, cleusa.vcosta@unitau.br, oliveira.marcia@unitau.br

Resumo

O presente trabalho foi embasado no conceito de Bairro-Escola (Singer, 2015), com o objetivo de identificar como se estabelecem as parcerias entre escolas, pais, responsáveis e a comunidade, e posteriormente propor novas estratégias de integração para colaboração na formação pedagógica dos estudantes. Com uma abordagem qualitativa e exploratória, a pesquisa analisou, por meio de revisão bibliográfica e um estudo de caso, a experiência de uma escola de ensino fundamental que desenvolve um projeto que integra alunos e serviço de limpeza municipal na limpeza de praias locais. Os resultados demonstraram que essa iniciativa, alinhada à educação integral (Freire, 1996); (Arroyo, 2012), transforma o bairro em um "território educativo" (Gadotti, 2006), promovendo a participação ativa e a democratização escolar (Dubet, 1996). A conclusão reforça que a valorização de saberes comunitários e o envolvimento da sociedade civil fortalece o processo formativo dos estudantes. Por fim, apresenta-se uma proposta de implementação de um mural virtual de parcerias para fomentar o diálogo, as necessidades e propostas de projetos da unidade escolar com seu entorno.

Palavras-chave: Educação integral. Territórios educativos. Participação comunitária. Bairro-Escola

Área do Conhecimento: Ciências Humanas – Educação

Introdução

A concepção do projeto Bairro-Escola, apresentada por Singer (2015) defende a ideia de que a escola deve atuar em conjunto com a comunidade e as famílias, dialogando com os múltiplos saberes e práticas presentes no território. Acredita-se que a educação integral acontece quando a instituição escolar rompe com os limites físicos de seus muros e reconhece o bairro, a região e os atores locais como corresponsáveis no processo educativo.

Dentro dessa perspectiva, os pais e responsáveis que frequentemente estão restritos a papéis secundários dentro da dinâmica escolar, são reconhecidos como detentores de conhecimentos, experiências profissionais e repertórios culturais que podem enriquecer o cotidiano pedagógico. Oficinas, projetos colaborativos, compartilhamento de saberes e serviços prestados por familiares são exemplos de estratégias capazes de enriquecer a formação escolar e gerar vínculos entre a escola e a comunidade.

Singer (2015) aponta que a constituição de territórios educativos passa pela valorização de redes locais, na qual cada cidadão contribui com suas competências e habilidades. Ao incluir os saberes familiares, a escola amplia sua legitimidade e potencializa a formação cidadã dos estudantes, criando um ambiente de cooperação, pertencimento e corresponsabilidade.

A perspectiva de valorização dos talentos parentais está em consonância com autores como Arroyo (2012) e Freire (1996), que defendem a necessidade de reconhecer as múltiplas dimensões da educação e a importância do diálogo entre os diferentes sujeitos sociais. Além disso, Gadotti (2006)

aponta que a cidade e o bairro podem ser compreendidos como territórios educativos, reforçando a corresponsabilidade de toda a comunidade no processo formativo.

Diante desse cenário, este artigo busca como objetivo geral identificar como se estabelecem as parcerias entre escolas, pais, responsáveis e a comunidade, aproveitando seus talentos e profissões como recursos pedagógicos e comunitários, em consonância com a proposta do Bairro-Escola. Como objetivos específicos mapear experiências existentes na região e propor estratégias que possam ser aplicadas para ampliar e sistematizar parcerias entre a escola, pais e responsáveis e a comunidade.

Metodologia

Segundo Minayo (2001), a pesquisa qualitativa é apropriada quando se busca interpretar significados, práticas sociais e relações humanas, o que se ajusta ao objeto deste trabalho que adota uma abordagem qualitativa de caráter exploratório sobre territórios educativos na perspectiva do bairro escola.

A revisão bibliográfica foi realizada a partir de artigos que discutem os conceitos de educação integral, territórios educativos, participação comunitária e a democratização da escola. Entre as principais referências estão Singer (2015), Arroyo (2012), Freire (1996), Gadotti (2006) e Dubet (1996). O artigo contempla ainda um estudo de uma escola local que desenvolve iniciativas inspiradas no programa Bairro-Escola por meio de projetos que rompem os muros escolares e atendem a comunidade ao mesmo tempo que desenvolvem as habilidades do currículo nas classes discentes envolvidas. Yin (2005) aponta que estudos de caso permitem analisar em profundidade fenômenos sociais inseridos em seu ambiente real, trazendo uma compreensão mais detalhada das dinâmicas de participação.

O tratamento dos dados seguiu a análise de conteúdo (Bardin, 2011), focando nas categorias que evidenciaram as estratégias de mobilização das escolas na construção de parcerias e engajamento dos pais e responsáveis, os sentidos atribuídos pelos diferentes sujeitos e as potencialidades ou fragilidades do processo.

Resultados e Discussão

De acordo com Singer (2015), a Associação Cidade Escola Aprendiz criada em 1997 nasce com a proposta de que todo o território físico ao redor de uma escola é palco de ensino. Entre diversas ações desta associação destaca-se nesse trabalho o Projeto Bairro-Escola que conecta a escola, a família e a comunidade em busca de parcerias e implementação de projetos que podem e devem ser usados como trilhas de aprendizagem: praças, parques, becos, empresas, centros esportivos, bibliotecas, teatros entre tantos outros elementos que compõem uma região e são incorporados a serviço da formação integral do estudante.

"O nome escolhido para batizar o projeto, traduziu a essência da ação: não deveriam existir muros entre o viver e o aprender, entre o ser e o fazer" (Dimenstein, 2006, p.01).

Nessa perspectiva, o território passa a ser reconhecido como parte do processo de aprendizagem, Singer (2015) esclarece que a educação integral estabelece uma relação entre diversos espaços e pessoas de um território buscando garantir o desenvolvimento do estudante em todas as suas dimensões, os atores sociais que vivem e convivem com esse aluno podem e devem atuar em torno de um projeto, o alvo é criar programas que estimulem os estudantes a se conhecerem e a intervirem em seu meio. A escola pode buscar parcerias com pais e responsáveis, instituições, profissionais locais e empresas do entorno para colaborar nos projetos já existentes da unidade e propor novos caminhos de aprendizado que unam o currículo e a formação social daquele aluno, resultando no território educativo, espaço geográfico que proporciona o sentimento de pertencimento e apropriação no sentido simbólico do seu papel na comunidade, formando ali um agente crítico e participativo no desenvolvimento daquele local. Singer (2015) enfatiza que a transformação do bairro em território educativo permite valorizar os saberes populares e democratizar o acesso ao conhecimento. Essa abordagem rompe com a visão tradicional da escola como espaço isolado e convida ao desenvolvimento de redes de cooperação.

Essa proposta nasce em bairro chamado Vila Madalena na cidade de São Paulo, e ao longo dos seus vinte e oito anos foi replicada com suas particularidades advindas de cada região em diversos

outros bairros de São Paulo, outras cidades e até mesmo Estados aderiram a visão da associação Cidade Escola Aprendiz e sua metodologia.

Dimenstein (2006) observa que o papel do diretor para o sucesso da empreitada do Bairro-Escola é fundamental, esse é o líder que motiva os docentes e busca parcerias fora da escola para dar vida aos projetos e proporcionar aos alunos essa vivência, para tanto o autor reforça a necessidade de treinamento e capacitação para esses gestores e sua equipe pedagógica. Esse foi um dos braços da Cidade Escola Aprendiz a partir de 2004 por se compreender o papel crucial desse personagem nesse processo.

Educação Integral

Arroyo (2012) defende que educação integral é reconhecer os múltiplos espaços que colaboram na formação da vida estudantil, e a escola por sua vez precisa dialogar com os saberes produzidos nos diferentes contextos sociais existentes dentro do mesmo território, nos aspectos culturais e familiares. Saberes esses que complementam o conhecimento curricular trabalhado nas unidades escolares e formam o indivíduo socialmente.

De acordo com Paulo Freire (1996) a educação é um processo de diálogo e troca de experiências que parte dos saberes que cada um traz consigo, todo sujeito é portador de saberes. Quando se reconhece as experiências e saberes das famílias e da comunidade podemos alcançar uma prática pedagógica crítica e emancipatória partindo dos conhecimentos prévios que cada um traz consigo. Com a participação dos pais e responsáveis na vida acadêmica a escola se aproxima da realidade dos alunos e fortalece sua função social.

O conceito de cidade educadora formulado por Gagotti (2006) dialoga com a proposta do Bairro-Escola. O autor compreende a cidade como um espaço educativo em si mesma, onde instituições, comunidade e familiares compartilham a responsabilidade pela formação dos estudantes. As profissões, talentos e saberes dos pais e responsáveis podem ser incorporados no processo e práticas educativas, tendo como base o princípio de corresponsabilidade, onde não apenas a escola, mas todo o meio ao redor tem seu papel ativo durante o processo formativo. Essa perspectiva releva ao estudante que ele faz parte de uma rede social ampla, que conecta teoria e vida prática.

Dubet (1996), aponta que a democratização das instituições depende da criação de mecanismos efetivos de participação. Trazendo para o contexto escolar, quando reconhecemos os diferentes sujeitos de um território: pais e comunidade como corresponsáveis no processo pedagógico esses deixam de ocupar um papel passivo e se tornam parceiros atuantes, a escola passa ser um espaço de partilha de diferentes formas de conhecimento e não mais apenas dos currículos formais. Desfruta-se de uma escola mais democrática, plural e inclusiva que deixou o papel hierárquico e transmissor de conhecimento para um espaço de colaboração onde todos os atores dividem a responsabilidade no processo educativo. Ao legitimar os diferentes tipos de conhecimento a escola estabelece a democratização da educação, pois fortalece a colaboração e reconhece os saberes da comunidade.

Um estudo de caso: Uma escola pública em Caraguatatuba-SP

O presente artigo é fruto de uma pesquisa de campo em uma unidade escolar do bairro de residência de uma das autoras do documento, o foco era identificar projetos e iniciativas que refletem as ações do Bairro-Escola na prática. Selecionamos uma escola pública do município de Caraguatatuba, litoral norte do Estado de São Paulo.

Após contato com a escola, tomou-se conhecimento de um projeto que iniciou alguns anos atrás, inicialmente nas disciplinas de Geografia e Ciências e que tinha como objetivo trabalhar a consciência ambiental dos alunos da unidade e proporcionar para a comunidade um exemplo prático do jargão popular: "a praia é de todos". A proposta além de trabalhar os conteúdos que abordam a questão dos resíduos sólidos e sua correta destinação buscava avançar os muros escolares e transformar a praia em um laboratório para identificação dos tipos de resíduos, sua seleção, captação e correta destinação. Além de ser um exemplo para toda comunidade caíra da responsabilidade pela conversação e proteção daquele local. O projeto conta com a parceria com a empresa que atende o município no

serviço de coleta de lixo que disponibilizou uma caçamba posicionada em local estratégico do trajeto realizado pelas turmas.

Atualmente o projeto foi ampliado para todas as 24 salas da unidade, durante dois meses do ano todas as segundas feiras 1 sala é acompanhada pelos professores para a limpeza da praia, em uma semana os “agentes de mudanças” como são intitulados os alunos participantes coletaram 30 sacos de 15kilos de resíduos da praia do Massaguaçu e Cocanha. O projeto ganhou um perfil na rede social Instagram onde são postadas fotos das turmas e os resultados das coletas ao logos desses anos.

Pode-se observar que muito mais do que coleta de resíduos o projeto despertou a valorização e o sentimento de pertencimento desse local. Hoje os estudantes olham para a situação dos resíduos deixados pelos turistas de outra forma, e abraçam para si a responsabilidade da educação ambiental e proteção dessas praias.

A experiência relatada, representa um exemplo concreto de como a educação pode transcender os limites da sala de aula. Esse projeto, que integra as disciplinas de Ciências e Geografia, transforma o ambiente local em um verdadeiro espaço de aprendizagem. Como aponta Gadotti (2006), a cidade e o bairro podem ser compreendidos como “espaços educadores”, onde as demandas e desafios da comunidade se tornam o ponto de partida para o processo de ensino. Nesse sentido, a praia deixa de ser apenas um local de lazer e passa a ser um laboratório vivo para a compreensão de questões ambientais e sociais.

A iniciativa também se alinha com o conceito de educação integral, que vai além da transmissão de conteúdos e defende uma formação completa do indivíduo. A coleta de resíduos, por si só, é uma ação que demanda mobilização e consciência crítica por parte dos alunos, tornando-os atores ativos na solução de problemas comunitários. Essa abordagem encontra eco nas ideias de Paulo Freire (1996), que defendia uma educação libertadora, na qual os estudantes são sujeitos ativos de sua própria história, e não meros receptores de conhecimento. Ao valorizar as demandas do entorno, a escola também segue o que Arroyo (2012) defende sobre a importância de incorporar os saberes sociais e comunitários no currículo, reconhecendo que a comunidade possui um vasto acervo de conhecimentos práticos e culturais.

A parceria com a empresa de coleta de lixo da cidade é um elemento crucial dessa experiência, evidenciando a capacidade da escola de atuar como um “núcleo articulador do território educativo”, conforme teorizado por Santos (1996) e referenciado em discussões por Singer (2015). Ao estabelecer conexões com outros setores da sociedade, a escola amplia seu impacto e demonstra que a educação é uma responsabilidade compartilhada. A participação de alunos e professores na resolução de um problema local fortalece a noção de cidadania e de pertencimento, promovendo uma maior coesão entre a instituição de ensino e o bairro em que está inserida. Ressaltando que boa parte da comunidade caiçara desenvolve suas atividades laborais com a dependência da praia, algumas famílias com a pesca outras com o turismo, necessitando preservar esse recurso para garantir sua existência.

Por fim, a mobilização dos alunos para atuarem como agentes de mudança em sua própria comunidade reforça a ideia de que a participação ativa é fundamental para a democracia. A ação pedagógica deixa de estar restrita ao cumprimento de conteúdos disciplinares e assume um papel democrático, em que os sujeitos aprendem exercitando cidadania e construindo coletivamente soluções para demandas locais. Esse processo contribui para que a escola seja percebida como espaço de equidade, no qual diferentes formas de participação se convertem em aprendizagens significativas.

Ações como a limpeza das praias não apenas resolvem um problema imediato, mas também capacitam os jovens a se envolverem na vida pública. A partir da perspectiva de Dubet (1996), essa participação comunitária é um dos mecanismos que fortalecem a democracia escolar e promovem a justiça social, pois legitima a voz e a ação dos estudantes no processo de transformação de seu próprio ambiente, deixando de ser um papel passivo e tornando-se um papel ativo na construção de um território mais justo.

Dessa forma, o projeto **relatado** constitui uma prática pedagógica alinhada à concepção de Bairro-Escola, pois articula saberes e comunidade, promove a corresponsabilidade entre escola, poder público e sociedade civil, e coloca os estudantes como protagonistas de seu processo formativo. Trata-se de uma experiência que reafirma a necessidade de se repensar o papel da escola na contemporaneidade, ampliando seus horizontes e fortalecendo sua função social.

Estratégias prática: Mural Virtual Colaborativo

A partir da experiência analisada e dos referenciais teóricos discutidos, propõe-se como estratégia para as unidades escolares que desejam iniciar a concepção do Bairro-Escola essa ferramenta interativa que pretende ser um espaço de articulação e diálogo, conectando as propostas e projetos da escola com os recursos e saberes disponíveis na comunidade.

O mural seria dividido em três seções principais, cada uma com um propósito específico, mas interligadas para fortalecer a rede colaborativa da instituição:

1. **Projetos Pedagógicos e Necessidades:** Este espaço seria destinado aos professores e à equipe pedagógica. Eles poderiam registrar projetos e propostas inovadoras que necessitam de apoio externo, seja em forma de recursos, voluntários ou parcerias técnicas. Por exemplo, um professor de Ciências poderia postar a necessidade de um lavrador ou agrônomo da comunidade para ajudar na construção e manejo de uma horta escolar.
2. **Saberes e Talentos da Comunidade:** Esta seção funcionaria como um cadastro de saberes dos pais, responsáveis e moradores do bairro. Inspirado na valorização dos conhecimentos sociais e comunitários proposta por Arroyo (2012) e Freire (1996), o espaço convidaria a comunidade a compartilhar suas profissões, talentos e experiências. Uma mãe cozinheira profissional poderia se voluntariar ensinar técnicas de congelamento ou mesmo receitas para as merendeiras, ou uma oficina de bolos caseiros para os alunos interessados. Ou um advogado poderia oferecer uma palestra sobre direitos e deveres em uma aula de Sociologia.
3. **Serviços e Manutenção:** Nesta área, a escola poderia listar suas necessidades de serviços e manutenção, criando oportunidades para que a própria comunidade auxilie na gestão da infraestrutura. A necessidade de um pintor, eletricista ou carpinteiro poderia ser atendida por pais ou moradores locais, fortalecendo a relação de pertencimento e cuidado mútuo.

A proposta, portanto, visa não apenas suprir necessidades, mas principalmente construir uma rede de solidariedade e aprendizado mútuo, onde a educação é uma responsabilidade compartilhada e o bairro é compreendido como um espaço educador, como defende Gadotti (2006).

Conclusão

O presente trabalho refletiu sobre territórios educativos, tomando como referência a concepção do Bairro-Escola (Singer, 2015) e o princípio da educação integral. Relata uma experiência desenvolvida em uma escola pública do município de Caraguatatura-SP, que desenvolve o projeto de limpeza de praias em colaboração com o serviço público municipal de coleta de resíduos, mostrou-se exemplar ao demonstrar como a integração entre escola e comunidade pode se traduzir em práticas pedagógicas significativas.

A fundamentação teórica de Arroyo (2012) e Freire (1996) evidenciou que a educação integral não se limita ao aumento do tempo escolar, mas implica a valorização dos múltiplos saberes que atravessam a vida dos estudantes. Nesse sentido, a atividade analisada promoveu aprendizagens que vão além do domínio cognitivo, alcançando dimensões éticas, ambientais e cidadãs. Ao mesmo tempo, a perspectiva das cidades educadoras (Gadotti, 2006) destacou que a responsabilidade pela formação das novas gerações deve ser compartilhada, o que se concretiza quando espaços públicos, como a praia, se tornam extensões da sala de aula.

A experiência relatada reforçou a importância da participação social e da democratização da escola. Dubet (1996) ao envolver os estudantes em ações que respondem as demandas do seu entorno, a escola cumpre sua função social de formar sujeitos ativos e capazes de reconhecer-se como agentes de transformação no território em que vivem.

Por fim, recomenda-se que ferramentas sejam implementadas como a sugerida nesse estudo que viabilizem a escola como espaço de encontro, diálogo e corresponsabilidade, fortalecendo a cultura de participação. Ao abrir-se para as parcerias comunitárias, seja com instituições públicas, empresas locais ou com as próprias famílias, a escola amplia seu potencial formativo e reafirma sua relevância social.

Referências

ARROYO, M. **Educação integral: novos tempos, novos sentidos**. Petrópolis: Vozes, 2012.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

DUBET, F. **O que é uma escola justa?** Cadernos de Pesquisa V.34, n. 123, p. 539-555, 2004.

DIMENSTEIN, Gilberto. **Bairro-Escola**. São Paulo: Cidade Escola Aprendiz, 2006. Disponível em: <<http://cidadeescola.org.br/wp-content/uploads/2019/06/Bairro-Escola-Gilberto-Dimenstein.pdf>.> Acesso em: 27/8/2025.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, M. **Cidades educadoras e escolas cidadãs**. São Paulo: Cortez, 2006.

MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Editora da Universidade São Paulo, 2006.

SINGER, H. (org.). **Territórios educativos: experiências em diálogo com o Bairro-Escola**. São Paulo: Moderna, 2015.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2005.